

CONSTRUIR O SUL, HABITAR O NORTE

Orlas urbanas como forma de expressão de um mundo globalizado

BUILDING THE SOUTH, DWELLING IN THE NORTH
Urban waterfronts as a way of expression of a globalized world

Celma Paese¹,
Gianluca Perseu² e Gabriela Ferreira Mariano³

Resumo

Nesse artigo procuramos problematizar as relações entre a produção da cidade formal e de subjetividades no espaço urbano, partindo dos conceitos de cidade torta, aberta e modesta, propostos por Richard Sennett em *Construir e Habitar* (SENNETT, 2018). Buscamos discutir a produção de paisagens de orlas urbanas em um contexto globalizado e, mais especificamente, as orlas da cidade de Porto Alegre. Iniciamos colocando os conceitos de ville e cité sennettiano, o desejo de cidade implicado na produção projetual da paisagem urbana e as relações com a experiência humana. Na segunda parte comentamos sobre a cidade torta, que se deforma e resiste à lisura, expondo outras formas de experimentar a urbe. A seguir, expomos a cidade aberta, explorando fenômenos sociais mais amplos, como a globalização pasteurizada da paisagem. Em um terceiro momento, invocamos a cidade modesta do fazer do Homo Faber que se orgulha de suas obras. Finalizamos deixando em aberto questões para serem retomadas na continuidade da pesquisa.

Palavras-chave: cartografia da hospitalidade, construir e habitar, orlas urbanas, urbanismo contemporâneo, arquitetura e desconstrução.

Abstract

In this article we seek to problematize the relations between the production of the formal city and subjectivities in the urban space, drawing from the concepts of crooked, open and modest city, proposed by Richard Sennett in Building and Dwelling (SENNETT, 2018). We seek to discuss the production of urban waterfront landscapes in a globalized context and, more specifically, the edges of the city of Porto Alegre. We begin by placing the sennettian concepts of ville and cité, the desire for the city implied in the design production of the urban landscape and the relationships with human experience. In the second part, we comment on the crooked city, which deforms and resists smoothness, exposing other ways of experiencing the city. Next, we discuss the open city, exploring broader social phenomena, such as the pasteurized globalization of the landscape. In a third moment, we invoke the modest city of the making of Homo Faber who is proud

1 Arquiteta e Urbanista (UniRitter), Doutora e Mestre em Arquitetura (PROPAR-UFRGS). Membro dos grupos de pesquisa credenciados no CNPQ: Arquitetura, Derrida e aproximações (UFRGS/UERJ) e Cidade+Contemporaneidade (UFPEL). Coordena o Coletivo Cartografia da Hospitalidade.

2 Arquiteto e Urbanista (UniRitter) e Mestre em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR-UFRGS). Membro dos grupos de pesquisa credenciados no CNPQ: Margem: Laboratório de Narrativas Urbanas e Pagus: Laboratório da Paisagem (UFRGS). Colabora com o coletivo Cartografia da Hospitalidade e coordena o coletivo R.U.A.: Refletir Urbanidades na Ação.

3 Arquiteta e Urbanista (UniRitter), Mestre em Arquitetura (PPGAU UniRitter/Mackenzie). Professora Investigadora pelo Programa de Doutorado em Arquitetura, História e Desenho (UIC-Barcelona). Colabora com o coletivo Cartografia da Hospitalidade.

of his works. We end by leaving questions open to be resumed in the continuity of the research.

Keywords: cartography of hospitality, building and dwelling, urban waterfronts, contemporary urbanism, architecture and deconstruction.

Paisagem e humanidade

Richard Sennett é um sociólogo norte-americano cuja produção intelectual constitui, desde os anos 1960, eminente contribuição para o campo dos estudos urbanos⁴. Na trilogia de livros *Homo Faber*⁵, o autor explora relações entre os agrupamentos humanos e o mundo em que habitam, culminando, em *Construir e Habitar* (SENNETT, 2018), em um estudo mais direto acerca das múltiplas possibilidades de vida nas cidades produzidas pelas sociedades contemporâneas.

Interessa-nos, a partir de algumas das propostas conceituais do autor expostas na obra citada, que inicia com a contraposição dos conceitos de *ville* e *cit e*, iluminar e discutir a experiência humana na cidade como questão fundamental para os estudos urbanos, pensando seus obstáculos e possibilidades como agenciamentos de um construir e de um habitar cujas brechas estão em negocia o constante. Colocamos, para tanto, certas inquieta es, oriundas de nossas vivências e percep es na paisagem urbana da cidade de Porto Alegre, e, mais especificamente, de transforma es e disputas envolvendo as orlas da cidade. Se a imagem da cidade vai sendo moldada pelas a es do planejamento urbano, como essas transforma es se refletem na dimensão da experiência urbana cotidiana?

De Walter Benjamin (1987) a Jorge Larrosa (2017), as possibilidades da experiência humana são compreendidas como se dando de forma cada vez mais rara, em contraposi o ao papel que a informa o vem adquirindo, há quase um século, no cotidiano. Crises na dimensão da experiência, enquanto ato pr -refletido de habitar o mundo, já são lugar-comum em diversos campos do conhecimento, e os estudos urbanos não são exce o. Transpondo, justamente, a questão para o urbano, Guatelli (2012, p.9) chega a afirmar que não   novidade o apontamento de uma crise generalizada na Arquitetura e Urbanismo. Tal fenômeno reflete-se diretamente nas cidades contemporâneas, com os evidentes descompassos entre projeto e vida urbana. Em contraponto, inúmeras são as pesquisas, interpreta es, diagnósticos e propostas de soluço para tais problemas. A afirma o recorrente de tal crise no campo de estudo reside, pensamos, na constata o generalizada de uma assimetria entre a cidade praticada pelo planejamento urbano vigente e as demandas sociais oriundas das práticas urbanas cotidianas.

Um dos sintomas que nos atravessam ao olhar para a produ o de Arquitetura e Urbanismo no sul global do século XXI   a coloniza o das formas de experiência por matrizes de pensamento neoliberais, que reduzem tudo ao mesmo. O planejamento urbano hegem nico constrói o Sul, mas quer habitar o Norte, por meio de técnicas de semelhança e pasteuriza o da experiência, e   sobre a produ o de paisagens globais sob tais pressupostos que escrevemos as presentes palavras.

Se, de fato, entre a cidade pensada pelo planejamento e a cidade vivida no cotidiano, se pode perceber descompassos; se um dos maiores problemas que enfrentam

4 Adotamos, ao longo deste texto, a expressão "estudos urbanos" buscando referir-nos ao caráter transdisciplinar da cidade enquanto objeto de conhecimento.

5 Trilogia composta pelas obras *O Artífice*, *Juntos* e *Construir e Habitar*.

arquitetos, urbanistas e planejadores diz respeito à apreensão de realidades sociais para a proposição de projetos e novas formas de estar em conjunto no espaço; se essas brechas são objeto já tradicional no campo da Arquitetura e do Urbanismo, nos parece propício pensar, não apenas, em um fenômeno de disjunção⁶ e crise da experiência com base na produção formal de artefatos *arqui-urbanos*, mas na produção de subjetividades e formas de experiência, enquanto operadores sobre tal relação. Compreender as subjetividades como algo a produzir, na esteira de Guattari e Rolnik (2010[1986]), requer a compreensão de que a realidade é instaurada por práticas e discursividades, sendo os modos de percepção, julgamento, comportamento e as próprias relações sociais moldados por complexos agenciamentos coletivos de enunciação (GUATTARI; ROLNIK, 2010). Dessa forma, partimos aqui, de uma compreensão do projeto enquanto ferramenta política, na medida em que participa do complexo processo de disputa por sentidos na esfera pública, podendo reforçar ou tensionar hegemonias e sentidos dominantes da paisagem urbana.

De um lado, a experiência vivida da cidade por quem a transforma e a atualiza constantemente: a experiência dos errantes e dos sem-nome que, em conjunto, instauram o urbano a partir das práticas do cotidiano. De outro, a prática projetual enquanto uma experiência em si: percursos, percepções e julgamentos que, a partir de saberes técnicos, servem como substrato à proposição de imagens urbanas que aspiram vir a ser. Como aproximar o olhar do sobrevôo às experiências cotidianas da cidade? Em meio a um mundo eminentemente ocupado da produção do idêntico nas paisagens construídas das cidades mundo afora, como pensar o projeto urbano enquanto abertura a outras formas de perceber, imaginar, desenhar e viver a paisagem? Criar imagens outras, que não as mesmas?

Compreendemos a imagem urbana, não como simples produto, mas como processo e discurso, participando da produção de subjetividades e de desejo. Essa produção é política, pois disputa os rumos da urbanização. Imagem é desejo pois imagem produz desejo; pois participa de uma complexa política de subjetividades a qual o projeto urbano, enquanto prática de composição com imagens, opera ativamente. No entanto, é preciso que nos questionemos de onde vêm as imagens que alimentam o desejo pela cidade; de onde vêm as referências arquitetônicas que populam o imaginário projetual contemporâneo; de onde vêm as vontades que nos fazem imaginar a cidade que queremos, de certos modos em detrimento de outros.

É nesse sentido que propomos explorar a produção de orlas urbanas mundo afora, enquanto arquétipos arqui-urbanos da inserção da imagem de cidades — tão distintas quanto Porto Alegre e Moscou — em um mercado global de imagens (MUÑOZ, 2003; 2004).

O projeto urbano, a partir de uma acepção dominante, compatível com o campo da gestão de projetos e do planejamento urbano estratégico de matriz neoliberal (VAINER; ARANTES; MARICATO, 2013; DARDOT; LAVAL, 2018), é comumente exercido enquanto ato de resolução instrumental de problemas. Nesse sentido, a prática de projeto é reduzida a uma mímese de “casos de sucesso”, uma resposta a certas imagens que estão dadas de antemão. Haveria, ainda, brechas para o exercício do projeto enquanto expressão de diferenças?

A prática projetual determina uma relação de poder com o espaço. Por meio da ação por projetos, não apenas se produz uma ideia de cidade, mas se o faz produzindo as vontades por habitar certas paisagens em lugar de outras. Essas vontades não

atravessam apenas as coletividades de pessoas, mas também os espaços de vida. Neste sentido, compreendemos a prática contemporânea em Arquitetura e Urbanismo como imbricada em toda uma economia de desejos e subjetividades que diz respeito a uma realidade neoliberal e, portanto, informacional.

Não haveria, imaginemos, a produção de inúmeros arranha-céus, *shopping centers* ou espaços de aço e vidro se não houvesse a produção, igualmente generalizada, da vontade por habitar tais espaços. Não haveria a imagem de São Paulo ou Rio de Janeiro sem que houvesse Nova Iorque e Hong Kong. Desta maneira, tanto a experiência do espaço vivido quanto aquela da prática em projeto (arquitetônico, urbanístico, paisagístico etc.) nos parecem agenciadas por enunciações massivas de sentido. Se, por um lado, são reforçadas mundo afora as tendências do planejamento estratégico contemporâneo, como requalificações, revitalizações, refuncionalizações e *retrofits*, é igualmente visível o alastramento do idêntico no tocante às subjetividades de um mundo em rede.

Buscando dar forma a essas inquietações, elaboramos este texto como um ensaio sobre as relações entre projeto e práxis social, entre cidade e vida, a partir do plano teórico proposto por Richard Sennett em sua obra *Construir e Habitar* (2018).

O autor ilumina essas questões a partir da ideia das ‘pequenas cidades’ (*cit e*) dentro da cidade (*ville*) e suas relações sistêmicas. Para o urbanista (2018, p.11), se referir à *ville* vai além do ambiente construído pois, para entend e-lo é necessário mergulhar nas águas das diferentes percepções, hábitos e convicções dos indivíduos e grupos da *cit e*. Se há diferença na *cit e*, nos arriscamos na proposição de que, a diferença é o princípio político da cidadania. A prática projetual enquanto uma ferramenta democrática surge como a possibilidade de compor com essas diferenças, dando voz, não a uma versão de realidade constituída *a priori*, mas uma possibilidade de duvidar do que está colocado de forma macropolítica.

A paisagem, tratando da relação entre sociedade e natureza, entre o concreto e o subjetivo, deve ser pensada para além da construção de elementos concretos. Contestar a produção da paisagem requer que se dispute a produção dos sentidos da experiência no espaço e no tempo; que seja disputada a produção de subjetividades sobre a cidade na qual queremos habitar. Para aprofundar o estudo das relações entre *ville* e *cit e*, os conceitos *cidade torta*, *cidade aberta* e *cidade modesta*, propostos por Sennett (2018), compõem a pauta da discussão, funcionando como guias para uma exploração da experiência urbana enquanto questão de primeira grandeza para colocar o problema da disjunção projetual que acomete as paisagens globais de forma cada vez mais precisa.

Torta

Um primeiro conceito trazido por Sennett (2018) é o de cidade torta. Torta, pensemos, como qualidade do que se deforma. A cidade torta resiste à lisura imposta por monoculturas de sentido. Mesmo que haja enunciações macropolíticas do mesmo (do idêntico, do igual), reconhecer o dano que a vida causa às hegemonias é abraçar a práxis como campo de diferenças. O espaço físico da cidade é visto e praticado de distintas maneiras pelas sociedades que habitam suas arquiteturas. Essas últimas, sobrepondo-se e coexistindo temporalmente, constituem a morfologia do tecido urbano. Diferentes indivíduos e grupos constroem sua própria cidade no mundo das ideias, através de suas percepções e crenças cotidianas. É nas brechas entre diferentes formas de existência nas cidades que os sentidos do que acontece se recusam ao fechamento. Essas significações desiguais são refletidas nos encontros e trocas, nos

⁶ Termo proposto por Bernard Tschumi, aludindo ao descompasso entre projeto e práxis social. Ver: TSCHUMI, B. *Architecture and Disjunction*. Cambridge: MIT Press, 1996.



Figura 1 - Orlas centrais de Porto Alegre: decomposição visual por faixas de aterro. Fonte: Colagem, Cartografia da Hospitalidade (2022), a partir de imagens das orlas urbanas de Porto Alegre à disposição na Internet.

modos de construir e viver as espacialidades. Assim, os modos e as significações da experiência cidadã se dão de forma múltipla e sempre disputada, aludindo ao caráter político da paisagem enquanto expressão estética do conflito.

Tomemos como exemplo o caso das orlas centrais de Porto Alegre (Figura 1), nas quais a tradição de aterros sucessivos, que marcou as vontades e propostas de mais de um século do planejamento municipal, culminou em uma paisagem cuja estratificação temporal se pode notar ao contrapor as diferentes faixas de tecido urbano umas às outras. Essas marcas resistentes, que servem como vestígios do processo de produção da cidade, expressam, não apenas diferentes usos, padrões de ocupação, morfologias e aspectos locacionais, mas também preservam os afetos de diversos fazer-cidades, coexistentes na contemporaneidade. Pensemos a cidade como locus de subjetividades heterogêneas que residem na paisagem, a constituindo enquanto palimpsesto polifônico e polissêmico. Este complexo imbricamento de tempos, espaços, significados e formas de fazer pode ser percebido e explorado ao percorrer a cidade e suas orlas, compostas como multiplicidade de heterogêneos, cuja composição se dá nos próprios atos habitativos metropolitanos.

Já no século XXI, assistimos à replicação de propostas que pensam as orlas portoalegrenses por meio de imagens compatíveis com aquelas dos filmes de *streaming*, ou mesmo do *Pinterest*. Em primeiro lugar, por buscar assemelhar a cidade e suas orlas a outras cidades e orlas, supostamente superiores. Arranha-céus, rodas gigantes, museus de grife internacional e novas oportunidades de consumo alastram-se pela esfera pública municipal, na busca por identificar a paisagem urbana a um produto do mercado financeiro global. Essa produção esbarra, para além da *physis* urbana propriamente dita, na modulação das subjetividades e dos desejos. A paisagem é desejada, mas também ensina a desejar. Quando o desejo é produzido de forma massiva e modelizada, o que se perde são formas de pertencimento dissidentes às lógicas de consumo. Assim, é preciso que se possa pensar em como rasgar as ordens instauradas; é preciso dar voz às experiências que laceram a paisagem neoliberal desde o tecido do cotidiano.

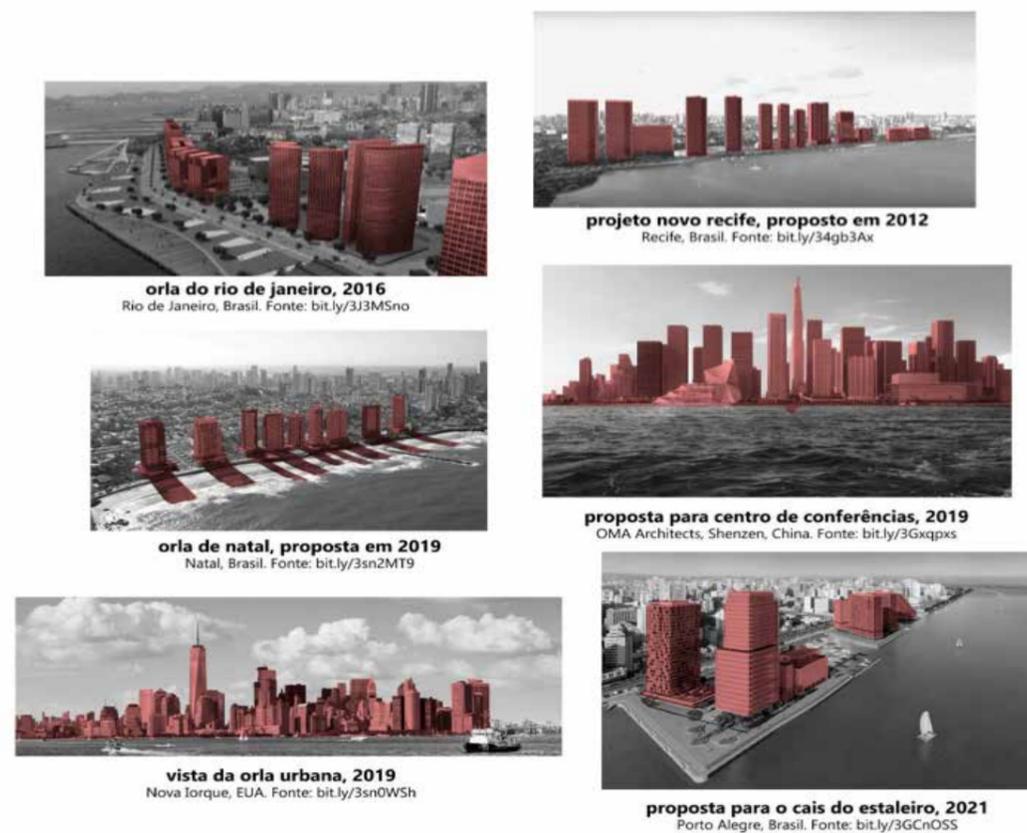
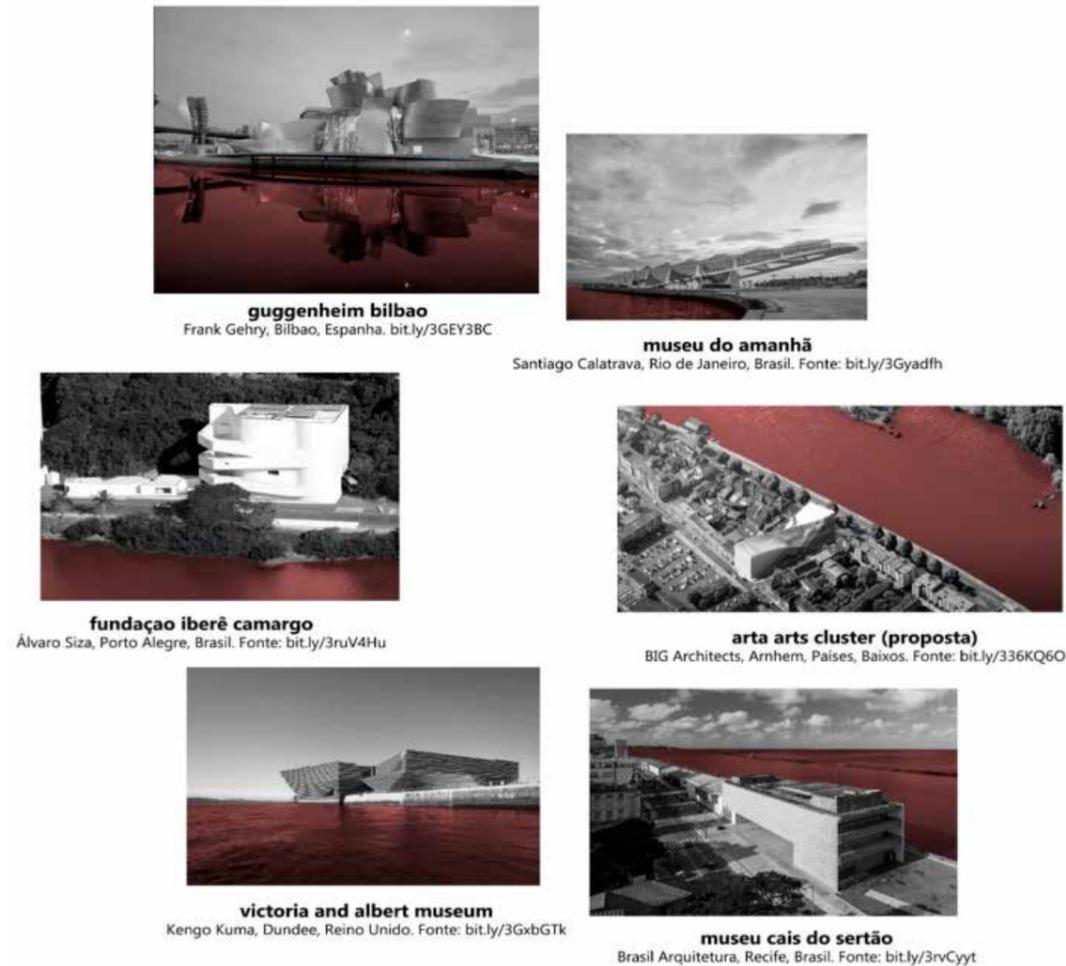


Figura 2 - Torres em orlas urbanas globais. Fonte: Infogravuras, Cartografia da Hospitalidade (2022), a partir de imagens de orlas urbanas à disposição na Internet.

No caminho de outras maneiras de produzir cidade, o projeto aparece como uma ferramenta política, pois, entre outros procedimentos, trata-se também de um trabalho de composição com imagens. Essa composição pode, assim, disputar o desejo pela paisagem, produzindo outras semânticas, que não estavam dadas *a priori*. O projeto como abertura, no entanto, não se dá gratuitamente. É preciso que se possa reconhecer formas de produção do idêntico na paisagem urbana para, então, pensar em alternativas. Consideramos que talvez seja preciso mapear o idêntico, para então, produzir diferença. Diferença que, atentemos, pode vir a gerar novos idênticos, em um complexo jogo de resistência e captura.

Arriscamos, portanto que, para investigar a produção formal da cidade, de suas paisagens e de suas orlas, é preciso que seja explorada a natureza das subjetividades que incitam o desejo por habitar certos espaços, por operar a composição de si com certos apetrechos de mimetização e pertencimento, e não outros. Que imagens animam a produção de desejo pelas paisagens de orla de Porto Alegre? O que dizem da produção neoliberal da paisagem contemporânea ao sul do Brasil? Se, por um lado, defendemos a diferença como princípio político de projeto, não é possível ignorar que nos deparamos com um mundo urbano cujo sintoma é o de um alastramento do idêntico. Muñoz (2003; 2004) afirma que, de fato, as paisagens urbanas globais estão se assemelhando, cada vez mais, umas às outras, em um fenômeno ao qual denomina *urbanização*.

Na figura 2, esse sintoma se manifesta na produção de torres espelhadas e arranha-céus diversos em orlas urbanas mundo afora, independentemente de contexto, história ou geografia. Uma cultura marcadamente visual leva, assim, a um reforço contínuo de imagens e versões de realidade que se reforçam umas às outras, pasteurizando a inventividade projetual em orlas urbanas mundo afora. Sendo assim, que está em jogo são as possibilidades de resistência às subjetividades dominantes; de produção de paisagens de orla singulares e voltadas aos processos de vida, à participação e inclusão social e à democracia.

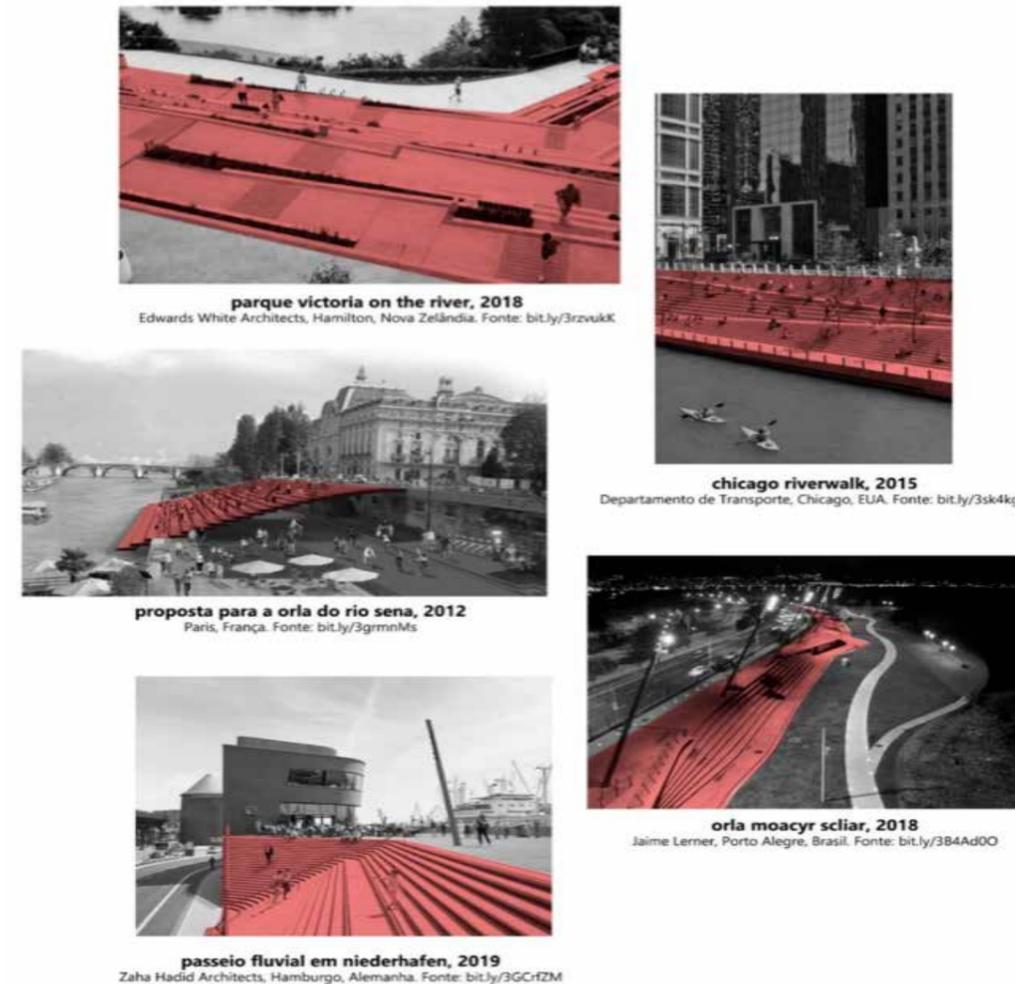


Na figura 3, buscamos dar forma a um idêntico programático, que acaba por identificar as orlas urbanas de diversas cidades do globo com a implementação de museus de arte contemporânea de autoria de starchitects de renome internacional. Estes grandes escritórios fazem as vezes de grifes que agenciam o pertencimento global ao espaço urbano.

Na figura 4, conversões de orlas urbanas em *waterfronts*, enquanto produtos desse mercado que financia soluções de projeto com uma identidade que pode ser chamada de globalizada: quando colocadas lado a lado, nos parecem remeter à replicação de soluções formais. Uma cidade sonha em se assemelhar à outra, e assim por diante, até que a diferença seja reduzida aos nichos de público-alvo que as podem, enfim, habitar. Pensemos, em paralelo, que a produção de paisagens espetaculares, como os *waterfronts* neoliberais, está intrinsecamente ligada à produção (igualmente generalizada) de paisagens precárias. O que anima o desejo da produção dessas estranhas paisagens *copy/paste*?

Essa questão aparece em Sennet (2018, p.12), para quem estudar a *city* vai além do estudo antropológico das suas diferentes culturas, na medida em que é preciso superar o descritivismo e a simples comparação das diferenças. É nesse sentido que o termo *city* também remete à política de criação da consciência de lugar por indivíduos e grupos, do significado do que é o viver coletivo, algo próximo à ideia de cidadania, *citoyenneté*. Em contraposição a um devir-usuário, no qual a paisagem passa a ser pasteurizada por relações de consumo. Uma das questões que nos parecem importantes ao debate contemporâneo está focalizada nas possibilidades de um devir-cidadã(o), da produção macro e micropolítica da cidade enquanto lugar de igualdade a partir do reconhecimento de diferenças.

Por sua vez, a *ville* sennettiana é muito mais do que o ambiente construído, pois os



edifícios raramente são fatos isolados. Suas formas, que possuem sua própria dinâmica interna, são pequenos sistemas que se abrem à escala da cidade, se relacionando uns com os outros, enquanto formam complexos sistemas relacionais com os espaços abertos no entorno, a natureza e a infraestrutura urbana.

É preciso lembrar, novamente, que a arquitetura de uma cidade vai além de ser o reflexo da economia e da política local: suas formas são resultado das “vontades” envolvidas. Talvez as práticas urbanas entre *city* e *ville* tivessem o dever de criar um equilíbrio entre os desejos de seus cidadãos e as formas construídas. Porém, sabemos que é uma tarefa complexa, pois a experiência de viver em uma cidade pode ser comparada a um romance, onde os momentos de total harmonia são raros.

Aberta

Ao discutir a produção das orlas de Porto Alegre como importante *locus* para o planejamento e para o imaginário da cidade, o fazemos buscando explorar um fenômeno social mais amplo, que diz respeito à inserção da paisagem urbana em todo um mercado global de imagens (MUÑOZ, 2003). Esse movimento diz respeito à vontade por pertencer a um modelo competitivo de gestão urbana, no qual as cidades do mundo passam a se assemelhar, cada vez mais, umas às outras. Estando o pertencimento a certos mundos sociais largamente mediados por relações de consumo, em que pertencer é o mesmo que consumir, julgamos estar lidando com um obstáculo à igualdade ocasionado pela configuração de regimes dominantes de pertencimento e autorização discursiva, manifesto na produção massiva de imagens urbanas hegemônicas. Se as relações entre as *cities* são testemunhos da tensão entre diferentes, que coabitam suas bordas, não é de se ignorar que, conflitos perdem a força quando o mercado se apropria dessas diferenças, as tornando novos públicos-

alvo, nichos de mercado, mercadorias espetaculares, prontas para serem desejadas, instagramadas e, caso interesse como modelo, metaversadas mundos afora.

A essa produção de idênticos globalizados se assemelha a produção de narrativas em redes sociais *online*, às quais Deleuze (2000) discute diretamente como dispositivos de produção de subjetividades neoliberais. Han (2019) atualiza a discussão, afirmando que é, justamente, no contato tópico com o outro, que a sociedade em rede proporciona uma profunda frustração que acaba por instaurar o que chama de “inferno do igual”. Assim, na ânsia por assemelhar-nos a outros (sujeitos, culturas, cidades...), na promessa por conectividade ilimitada e por singularidades a todo o momento, o que se instaura é a produção de novos idênticos, de novas bolhas, monoculturas e públicos-alvo.

Se nossas cidades se tornam cada vez mais genéricas, a esse fenômeno compreendemos que esteja relacionada a extrema visibilidade de classes supostamente superiores. As paisagens urbanas contemporâneas passam por um processo de estetização espetacular, próprios para atender à demanda da *pinterestização* e da *instagramatização* do mundo. Sennett (2018, p.14) pergunta “O urbanista deve representar a sociedade tal como ela é ou tentar mudá-la?”, e nós perguntamos, em rebote: as redes sociais representam a sociedade tal como ela é ou participam de sua produção? Seria possível disputar subjetividades em rede? As relações entre *ville* e *citê* são tortas, assimétricas por natureza. Como já comentamos, o convívio entre diferentes, frequentemente, é motivo para a criação de paisagens psicossociais, no mínimo, tensas. Faz-se da urbe um laboratório de coexistência social, e da própria democracia, enquanto expressão da abertura de brechas entre diferentes, em conjunto. Por outro lado, existe a força do idêntico, da vida carimbada para atender a demanda do mercado da vida lisa, sem fissuras, confortável. Que subjetividades ganham espaço nessa vida em estado de lisura? Como o idêntico participa da percepção? Como produz sentido? Pertencer é assemelhar-se? Ou é abrir-se a outras possíveis texturas?

Han (2018) apresenta o conceito de lisura enquanto retificação das diferenças, para tratar da fabulação de consensos e esvaziamentos de sentido. Os fechados (entre si, narcísicos, olhando para si) criam lisura. Na ordem da produção formal, acreditamos que se trate da produção de monoculturas expressas em condomínios fechados, “carimbos” arquitetônicos, repetições indiscriminadas de modelos prontos *a priori*, imitações, pastiches, zoneamentos rígidos, tudo em nome do conforto do não-estranhamento, do previsível. As cidades tornam-se cada vez mais lisas, pois são amplamente produzidas com base no fetiche da terra arrasada. Para criar lisura é preciso apagar a aspereza das texturas da diferença, ou, pelo menos, delas apropriar-se para que se tornem fatores de diferenciação entre iguais.

Nos parece interessante olhar para as formas de narração da experiência em diversas orlas urbanas mundo afora, frutos de projetos ao longo do século XXI (Figura 5). Compreendemos que, a produção narrativa da paisagem no cotidiano nas redes sociais está tão acometida das lógicas de pasteurização e consumo quanto a própria produção formal da paisagem urbana.

Sennett (2018, p.13) exemplifica os obstáculos à diferença na *ville*, com empreendimentos residenciais fechados. Nessas tipologias, que se proliferam por todo o mundo — tanto quanto a refuncionalização de antigos distritos industriais, gentrificação de centros urbanos precários ou produções indiscriminadas de *waterfronts* identificados com o desejo por pertencimento a paisagens globalizadas —, busca-se o convívio entre iguais, a lisura e, por conseguinte, a negação de outras versões de realidade. O urbano do século XXI surge, assim, como prática colonizada por sistemas de pensamento e de linguagem de percepção imagética dominantes, traduzida nas postagens das redes sociais.



Figura 5 - Montagem das postagens mais populares do Instagram no presente, marcadas em orlas urbanas globais. Fonte: Composição de imagens, Cartografia da Hospitalidade (2022), a partir de busca de imagens do Instagram..

Figura 6 - Imagens visuais mais recentes postadas na Orla do Guaíba, no aplicativo Instagram, Porto Alegre. Fonte: Composição de imagens, Cartografia da Hospitalidade (2022), a partir de busca de imagens do Instagram.



Na base de uma lógica de lisura está a ascensão da realidade informacional. As redes sociais, enquanto gêneros discursivos da experiência contemporânea, revelam uma pasteurização do que nos acontece no urbano do século XXI. *Selfies*, figuras solitárias, espaços genéricos e cisão entre sujeitos e os meios em que habitam. A elaboração das narrativas em redes sociais *online* acerca das paisagens produzidas pelo planejamento estratégico nos parece apontar para o alastramento do idêntico, tanto do ponto de vista da produção urbana formal quanto dos processos de subjetivação e mentalidades a nível global. Como abrir-se para a diferença, quando a linguagem estética da paisagem construída é globalizada?

No caso das orlas de Porto Alegre (figura 6), ao olharmos para algumas localizações utilizadas para referir-se a essas paisagens, nos chama atenção a replicação dessas recorrências temáticas e visuais, proporcionadas, em boa parte, pela inserção da paisagem das orlas portoalegrenses em um mercado global de imagens, tanto do ponto de vista das imagens urbanístico-arquitetônicas propriamente ditas, quanto daquelas que dizem da experiência e das formas de habitar a paisagem.

Ecoamos a postura de Sennett (2018), para quem não existe fórmula clara e direta para a retidão ética do urbanista se manifestar: solucionar a aspereza das relações entre a *ville* vivida e construída não é uma questão de projeto, nem mesmo que seja essa a vontade dos grupos e governanças envolvidas. É preciso, no entanto, que se possa problematizar tais questões no próprio campo dos estudos urbanos, buscando propiciar a produção da crítica, para além das imagens do projeto enquanto produto “finalizado”; que se possa disputar as subjetividades, não apenas na esfera pública como um todo, mas no próprio campo, a fim de tornar, cada vez mais, proeminente a necessidade por buscar outros referenciais e outras formas de fazer cidade. Uma

questão que fica é como se pode disputar, dentro de uma prática projetual urbanística, as próprias subjetividades, os anseios que animam a produção da morfologia urbana? Como produzir singularidades por meio de projeto? Ou, colocado de forma menos idealista: como o projeto pode agenciar a produção de singularidades?

A cidade é um sistema aberto por natureza, onde as relações são rizomáticas, nunca lineares. Perguntas que não querem calar brotam das paredes, testemunhas silenciosas do estranhamento e da busca pelo (im)possível. Cartografar a experiência humana na urbe é construir representações acêntricas que contribuem para a conexão de diferentes campos em diferentes dimensões, que conectam contradições e ambiguidades (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Sua complexidade se manifesta de modo quântico, em contínua evolução, onde tempo e espaço se confundem. Um sistema impossível de ser analisado em partes.

Portanto, a experiência de viver a cidade e seu *éthos* é complexa, sempre contraditória e ambígua, enriquecedora (SENNETT, 2018, p. 17). Enquanto diferentes culturas a habitarem, a vida continuará a ser estimulada pela troca entre diferentes maneiras de pensar, costumes e habilidades. A diferença, combatida pelo capital, é compreendida como possibilidade de escape. Aristóteles já chamava a atenção para esses fatos. O filósofo comentava que economias diversificadas e complexas estimulam trocas, assim como, diferentes opiniões na política, possibilitam aos cidadãos entenderem distintos pontos de vista. Chamava a convergência de agentes de *synoikismós* (sinecismo), expressão que se originou da estratégia de pequenas comunidades se unirem em tempos de guerra, processo social que levou à formação da *pólis* e de onde se originaram as palavras “síntese” e “sinergia”.

Esse exercício de coexistência poderia parecer um caminho para a afirmação dos valores humanistas como garantia para uma cidade aberta ideal, onde reinaria a tolerância recíproca, enquanto trocas comerciais garantiriam uma maior distribuição de riquezas. Porém, sabemos que as coisas não funcionam dessa maneira, pois a riqueza antrópica⁷ continua crescendo de forma concentrada, seja na cidade ou no campo. Perante esses fatos, Sennett (2018, p.18) pensa sobre a ética urbana, questionando o que torna a ética urbana. Talvez pensar sobre a liberdade seja um caminho, valor que é visto de forma distinta na cidade.

Eticamente, as diferenças seriam respeitadas enquanto diferenças, enquanto a equanimidade fosse promovida. Entendemos que é preciso abrir espaço para uma ética da hospitalidade, a partir da qual se reconhece a existência do diferente, do outrem que não o mesmo. Aquele difícil de compreender, aquele que causa estranhamento pelo seu simples estar no mundo. O filósofo Jacques Derrida (2003, p.23 e 25) utiliza em sua obra a palavra *hospitalidade* como sinônimo da palavra *acolhimento*, que por sua vez, significa reconhecer a diversidade humana e o seu direito à inclusão social, independente de gênero, cor, *status* social, atividade econômica ou religião. Reconhecer é acolher: ética primeira, assim como oferecer abrigo e alimento. Quando a ética da hospitalidade é transferida para o estudo das relações sistêmicas, materiais e imateriais de determinado espaço, reconhece-se os diferentes modos de sua apropriação e vivência. Dessa maneira, abre-se espaço para a alteridade, para a articulação entre lugares e, conseqüentemente, para suas potências.

A partir de tais leituras e discussões, defendemos a compreensão de que é preciso abrir espaço para a prática da ética da hospitalidade, a partir da qual se abre espaço para o diferente, para outrem que não o mesmo. Que a cidade seja aberta e em movimento,

⁷ Antropia: estudo da ação humana sobre o meio ambiente. Ver: <dicio.com.br/antropia/>.

para se tornar cidade-lugar de múltiplas existências, do nosso e de outrem, onde há espaço para a diferença se colocar à vontade. É dar chance para que se dispute a produção da paisagem, a partir de um princípio de busca pela equanimidade, que reside no convívio entre diferentes: como um lugar de lugares, nossos e de outrem, que, longe de serem configurados de forma consensual, são disputados dentro de um princípio de inclusão e participação. Esse lugar precisa ser aberto para que as diferenças venham à luz e se coloquem à vontade. Não se trata, assim, de um apaziguamento do conflito ou de ficções consensuais, mas de uma disposição de diferentes em praticar a ética da hospitalidade, enquanto princípio de cidadania. Se é no reconhecimento da diferença que nasce a política da hospitalidade, essa abertura deve ser praticada tendo em vista um cuidado com outrem e com o lugar de outrem.

Stadtluft macht frei, expressão alemã que significa ‘o ar da cidade liberta’ tem origem na Idade Média. Contém a promessa de libertação herdada na hierarquia econômica e social de servir a um único senhor. Significava que, apesar das obrigações a cumprir em relação a uma guilda, vizinhos ou para com a igreja, mudanças poderiam acontecer ao longo da vida. São palavras que transmitem uma verdade profunda: quanto mais aberta é a vida do sujeito, mais possibilidades de vivências em diferentes camadas psicossociais na urbanidade, que se sobreporiam de modo sinérgico no decorrer de sua existência. Em vez de tentar arrumar o enigma da relação entre *ville* e *cité*, uma cidade aberta trabalharia as diferenças e suas complexidades, estimulando-as, enquanto cria uma *ville* interativa e sinérgica maior que a soma de suas partes.

Reafirmamos que, se é entre as diferenças que se pratica a ética da hospitalidade, essa deve ser praticada tendo em vista um cuidado com e para com o outrem e com o lugar de outrem. Talvez, esse seria um caminho para as pessoas se libertarem da camisa de força do que lhe é familiar, cômodo; enquanto é criado um terreno para a experimentação, expansão e valorização da vida. Afinal, a vida é experiência e toda a experiência deve ser experimental, pré-refletida. Contudo, *stadtluft macht frei* não informa aos *urbanistarquitetos* a fórmula projetual que os isentaria de ter que prestar contas às pessoas que talvez não gostem de viver em uma experiência de inovação e seus processos, frequentemente com resultados surpreendentes. Em processos de intervenção em sistemas abertos, evoluir da experiência para a prática não é simples, pois a desconstrução de práticas arraigadas não aponta imediatamente novas soluções. Quando libertos do neurótico ‘dever de acertar’, experimentadores passam a percorrer caminhos tortos, frequentemente abraçando o simples e factível, dessa maneira evoluindo para o realizador (SENNET, 2018, p.19 e 20).

Talvez seja inevitável, a cristalização de alguns processos ou fechamento de alguns sistemas. É possível observar esse fato na (re)evolução da *Internet*, que, no presente, se move para uma condição de fechamento. No seu primeiro quarto de século, ela era compreendida como um universo que abrigava e integrava pequenos sistemas abertos em constante expansão, resistentes a qualquer tipo de autoritarismo. O que dava sentido a essa dimensão era justamente a liberdade de troca de informações, protagonista de um processo social de inteligência coletiva.

Tal processo possibilitou interfacear a maioria dos dispositivos de criação, informação, gravação, comunicação e simulação até então existentes. Em pouco tempo, a perspectiva da digitalização geral das informações tornou a *Internet* o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade. Podia ser comparada a um território minimamente mapeado, como a Terra no início dos tempos, quando bandos de humanoides vagavam por sua superfície. Agora, a *Internet* das Coisas mostra que ela está presente na experiência diária da cidade, em todos os objetos e lugares em que sua presença possibilita agregar valor. Enquanto isso, o presente-futuro aponta outros modos de viver e de gerar riqueza, que se expandem para poucos, reforçando

as desigualdades sociais.

As redes sociais podem ser comparadas a monopólios territoriais estatais e privados, que produzem tecnologias voltadas para a exploração e controle dos seres. Quando não é pela censura explícita. Com o *Second Life Metaverso*, a própria imagem pública do corpo passa a ser espelho dos dados do desejo, enviados a um programa de computador que os decodificará em um avatar de realidade expandida. Quem saberá conviver com sua imagem sem semelhança? Assim como nos estados totalitários, a tecnologia da informação passou a seduzir as pessoas com a promessa de uma vida organizada a partir de suas expectativas e ideais. Seu desejo é uma ordem, diz a máquina: as regras da experiência são esquematizadas para cada indivíduo, conforme seus desejos, a partir das informações que ele mesmo fornece. O preço da clareza e certeza de resultados é o controle da própria vida por algoritmos. Nunca foi tão fácil controlar as massas. A lógica inverteu-se: se, no começo o mundo 3D era referência para o virtual, hoje ele reflete esse mundo ou, frequentemente, já se confundem. Nas cidades, essa lógica reflete-se nas paisagens padronizadas pelas grandes empresas da construção, carimbos habitáveis que carregam a ‘certeza’ da realização de desejos espetaculares; queridinhos da globalização para vender a ilusão da satisfação garantida. O medo do outro, somada à incapacidade de lidar com o diferente inesperado, é superado com a garantia de não precisar se deslocar dos domínios fechados dos muros da *cité*. Tanto faz se ela é física ou virtual. O importante é que seja agradável, lisa, “sem perigos”.

Ainda assim, existe espaço para olhares condescendentes e cúmplices, de uma suposta elite ‘esclarecida’ em relação ao diferente, apesar de frequentemente esses serem acompanhados por sorrisos carregados de superioridade moral. Uma *cité* que se fecha por medo de lidar com o *por vir* passa a ser tanto uma questão ética quanto de economia política (SENNET, 2018, p. 21 e 22). Apesar de tudo, é na *cité* que enxergamos a luz no final do túnel: é nela que nos deparamos com experiências abertas e suas complexidades que, carregadas de incertezas e contradições, teimam em existir como sinônimo de resistência à opressão e controle, seja em que meio for. A *cité*, pensemos, atravessa a cidade concreta e a *Internet* (e as diversas mídias e tecnologias que, na contemporaneidade, coexistem e se complementam) pois a negociação de subjetividades habita a própria paisagem enquanto realidade instaurada comunicativamente.

Modesta

Fazer, palavra simples e modesta. É pelo fazer que se trazem as palavras e as coisas do mundo das ideias, produzindo algo a partir de determinada ação. A celebração do fazer é a história do *Homo Faber* sennettiano que, com seus talentos, realiza e se orgulha de suas obras. Através dos tempos, sua produção definiu o meio artificial das pequenas cidades (*cité*) da urbe (*ville*). Na era moderna, o orgulho e o prazer de realizar do *Homo Faber* foi questionado. A revolução industrial obscureceu suas habilidades manuais e, à medida em que as máquinas retraduziam a sua perícia, as condições de trabalho nas fábricas degradavam sua figura social. No século passado, os regimes totalitários transformaram o papel criativo do *Homo Faber* em uma arma ideológica obscena, com as práticas conhecidas do *Arbeit macht Frei* do nazismo e do comunismo de estado.

Na contemporaneidade, esses horrores foram aparentemente erradicados. Porém, outras situações de degradação do trabalho humano foram criadas. A ascensão da robotização e das profissões que surgiram para atender às necessidades criadas pelas novas tecnologias, jogaram ao poço da inutilidade uma massa de trabalhadores. Na sua

maioria, essas pessoas foram obrigadas a migrar para tarefas eventuais a curto prazo para sobreviver, se não para trabalhos que são realizados em condições humanas degradantes. Para resgatar a dignidade da habilidade do fazer manual, talvez seja necessário o entendimento de seu papel na sociedade contemporânea.

A ancestralidade do *Homo Faber* dentro de cada um é compreendida quando desviamos o olhar para as pequenas realizações que o dignificam perante a *city*, que acompanham a ética do fazer modesto, como: realizar uma pequena reforma em casa a baixo custo, plantar vegetais comestíveis em um espaço público, providenciar bancos para as pessoas se sentarem ou dormirem nas calçadas. Surge, aí, a possibilidade de semantização oriunda das próprias práticas formais, da produção micropolítica da cidade. A contemporânea prática informacional do projeto urbano, afeita às ferramentas digitais e à produção padronizada de desenhos e vontades, encontra, em processos comunitários de deliberação e decisão, uma possibilidade de realização singular. Isso por que, ao ser desenvolvida a *partir da* e não *sobre a* experiência coletiva, se propõe a esbarrar na própria dimensão vivida da paisagem. Essa dimensão colaborativa do projeto, pensemos, surge como uma forma de produzir subjetividades com os próprios diálogos e formas de expressão dos grupos envolvidos.

Para Sennet, (SENNET, 2018, p.24). a localização e as formas de uso do ambiente construído é que definem a cidade. O autor utiliza Siena, na Itália, como exemplo para essa colocação. Quando passeamos por suas ruas, constatamos volumes semelhantes, que configuram lugares pelos seus diferentes usos, expressivos das necessidades daquela comunidade através dos séculos. A adaptação e variedade de usos cria uma espécie de sensação de desdobramento de lugares, consagrando o primado da *city*: o fazer decorrente do habitar. Compreendemos esse sentimento quando a sensação de pertencimento em relação a um ambiente físico toma conta de nós, como consequência de como o habitamos e de quem somos. Como habita em nós a sensação de pertencimento quando encaramos a produção das orlas de Porto Alegre? Seria o mesmo tipo de pertencimento que testemunhamos ao percorrer o Porto Maravilha ou o Puerto Madero?

Se pensarmos a respeito da produção da imagem urbana da cidade como um todo, bem como de tantas outras cidades latino-americanas acometidas de referenciais oriundos de uma cultura globalizada, falar das orlas de Porto Alegre é falar da produção do espaço subserviente a essa cultura. Esse fenômeno diz respeito à produção das imagens urbanas “ao sul do sul” e sua ulterior integração a um mercado globalizado de imagens, que serve a uma economia neoliberal de subjetividades. Falar das orlas construídas de Porto Alegre é falar de muitas outras cidades e orlas; e das redundâncias que nossa cultura visual expressa.

Na figura 7, dispusemos uma colagem para expressar a compreensão do conceito de cidade modesta. Se, por um lado, a cidade vai sendo produzida por forças macropolíticas de aterramento e subjetivação, muitas são as escritas e rasuras que, na ordem do cotidiano e da experiência, contestam o que está colocado. Mais do que marcar a paisagem, essas rugosidades nos parecem propícias à produção de sentido sobre o que vem a ser o espaço metropolitano: espaço das grandes escrituras imobiliárias, mas também das marcações dos sem-nome, da produção de diferença e de diferentes formas de estar em conjunto no espaço. Se há uma vontade generalizada, já transformada em *slogan* em diversas ocasiões, de conexão com a água, o muro da Mauá — há mais de oito décadas barrando fisicamente a tangibilidade cidade-água — se torna objeto de disputa. Essa disputa diz respeito à paisagem pois contesta os regimes de visibilidade e autorização discursiva que incidem sobre a experiência do espaço. O muro, nesta colagem, dispara dúvidas. Se o muro não é desejado pois limita o acesso e a visão, que outros artefatos fazem as vezes de muros e opacidades?

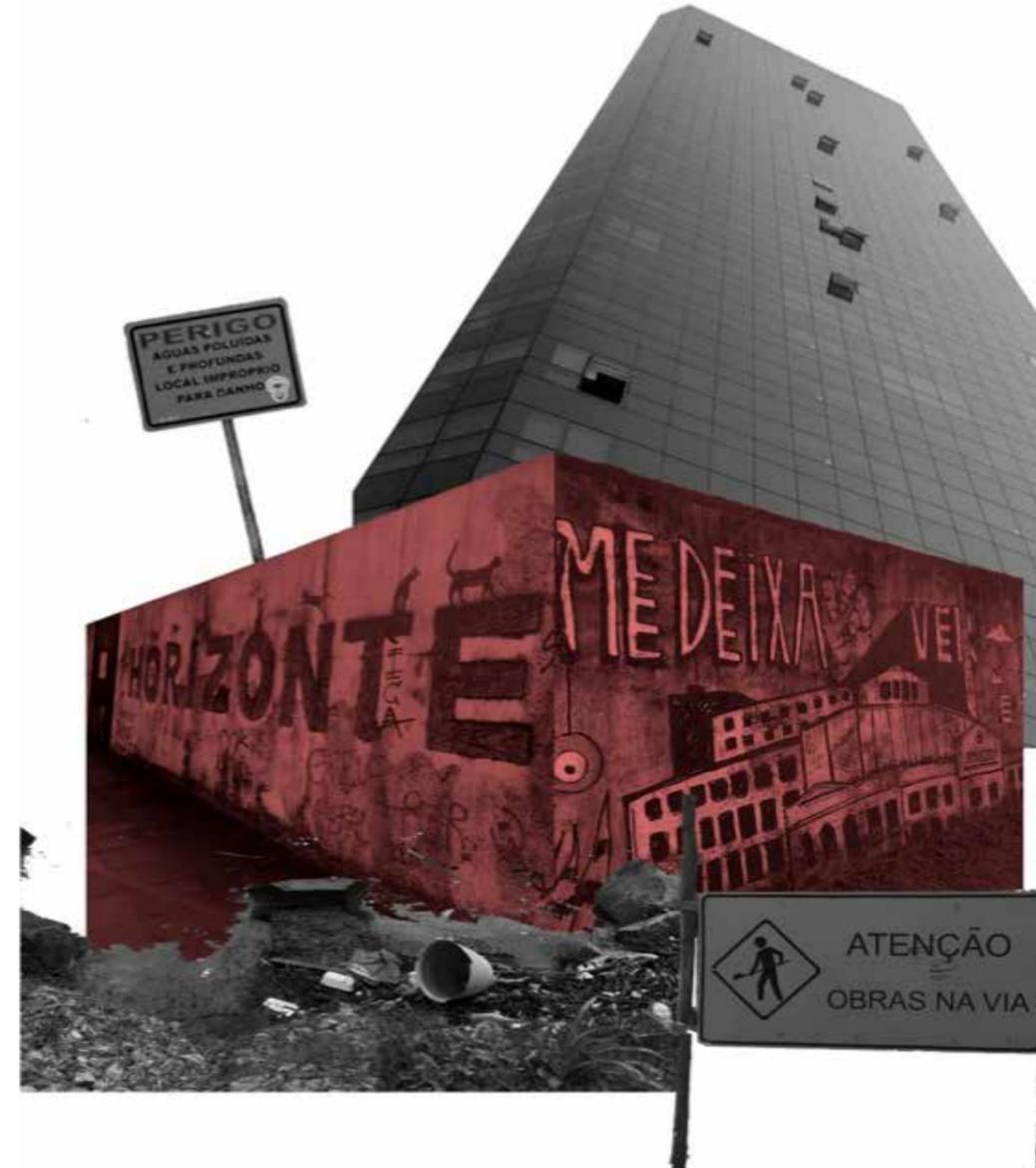


Figura 7 - Colagem “cidade modesta”, visibilizando outras cidades possíveis no cotidiano. Fonte: Cartografia da Hospitalidade (2022).

O tempo é o aliado da modificação diária consequente das experiências do habitar, sejam elas em termos de percepção ou de medidas. Sabemos que, toda inovação carrega em si a disparidade entre o modo que as pessoas fazem as coisas e como poderiam fazê-las. É comum constatar que o processo temporal dos modos de uso de um objeto não pode ser previsto antecipadamente. Sennet (2018, p.25 e 26) exemplifica comentando com o artesanato, onde uma ferramenta ou um material frequentemente surgem antes dos artesões saberem o que fazer com eles, sendo que a experiência acaba apontando seus usos por tentativa e erro. São situações em que o tempo e a experiência acabam mostrando que a função seguir a forma é uma colocação tão verdadeira quanto o mantra modernista a forma segue a função.

Todos sabem dar sentido intuitivamente a um espaço, seja ele aberto ou fechado. Porém, arquiteturas que desconstruem espacialidades tradicionais, podem vir a questionar percepções e hábitos estabelecidos pela experiência espaço-temporal dos indivíduos. Projetos e modificações que, porventura, são propostas porque ficam bem no papel, raramente levam em conta os acontecimentos que constroem os processos de vida dos lugares. Assim como a identidade contemporânea das ruas da cidade medieval, uma orla construída só cria sinergia com a cidade através do tempo e das experiências de hospitalidade ali vividas. É na linguagem, não só na troca de falas, mas na observação dos movimentos dos corpos, das ambiências construídas pela experiência da interação diária que estão explícitos os desejos dos usuários para

um espaço. Traduzir esses desejos em representação, o desafio. Talvez seja esse o caminho para texturizar a lisura, des-instagramar a imagem urbana e humana, desafiar a lógica da rede social dos iguais, assim re-criando a ideia de que outros mundos são possíveis.

Costuras

Ao longo deste trabalho, buscamos estabelecer uma discussão guiada pelos conceitos de cidade torta, cidade aberta e cidade modesta, propostos por Sennett (2018) como operadores sobre o problema das disparidades entre construir e habitar. Ao nos apropriarmos desses conceitos, outras questões teóricas foram sendo convocadas para consolidar a discussão, interessando-nos explorar a experiência enquanto questão de primeira grandeza no tratamento da problemática.

De forma semelhante, nos interessou explorar o caso das orlas da cidade de Porto Alegre, as quais, inseridas em um fenômeno de urbanização (MUÑOZ, 2003; 2004), foram sendo discutidas com base em montagens visuais, por vezes envolvendo imagens de orlas urbanas em outras cidades do globo. Procuramos, com isso, explorar e delinear os fenômenos aqui discutidos. É nesse sentido que o procedimento compositivo aqui levado a cabo foi o da montagem, com vistas a demonstrar como o idêntico se alastra pelo mundo urbano. Ao dispor imagens urbanas de diferentes cidades mundo afora, a discussão foi sendo estabelecida a partir das interpretações que fazíamos. Da mesma forma, a busca por tais imagens, foi sendo alimentada pelas inquietações da leitura de Construir e Habitar e da própria escrita do texto.

Observamos o aumento vertiginoso da população, principalmente no Sul Global. Esse fenômeno e suas consequências fez as cidades crescerem tanto, e tão rapidamente, que o planejamento em larga escala se tornou necessário. Como o urbanismo pode ser praticado modestamente em grande escala? Como pensar o sujeito quando o urbanista se depara com problemas de infraestrutura de massa?

A partir da experiência pessoal de um grave AVC e suas sequelas, Richard Sennett passou a repensar e ressignificar as relações espaciais com o ambiente construído. O autor passou a se importar com a necessidade de uma sintonia em escala mais ampla com a complexidade e ambiguidades dos sistemas arquitetônicos e suas espacialidades. Assim como uma certa visceralidade, pois, segundo sua compreensão, é o corpo que faz nascer a espacialidade.

A mudança da percepção espacial o fez investigar como o urbanismo proativo poderia ser combinado com a modéstia ética, o que não significa subserviência: o urbanista deve ser visto como um parceiro dos *urbanitas*. As trocas entre ambos devem fomentar atitudes realizadoras e crítica sobre os modos de viver na urbe, assim como assumir a necessidade de uma permanente autocrítica nas construções em comum. Se as relações entre *ville* e *cité* forem possíveis dessa maneira, a cidade poderá se abrir. Porém, a chance de reduzir a tensão entre o fazer do *Homo Faber* e o habitar das diferentes *cités* pede realizadores que encarem sua missão com humildade, apesar desse tipo de atitude evitar correr riscos. E o autor questiona: se a vontade pretenciosa, assertiva e criativa é abrasadora, será que a construção de um urbanismo sensível, coletivo e autocrítico pode ser igualmente vigorosa? (SENNETT, 2018, p. 27-28).

Referências

- BENJAMIN, W. O Narrador. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *Comum: ensaio sobre a revolução do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1)*. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, J. Anne Dufourmantelle convida Jacques a falar da Hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003.
- GUATELLI, I. *Arquitetura dos Entre-Lugares: sobre a importância do trabalho conceitual*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Subjetividade e História. In: GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010[1986].
- HAN, B. C. *A Salvação do Belo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- MUÑOZ, F. *Urbanization: landscapes of post-industrial change*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003.
- MUÑOZ, F. Urbanización: En el Zoco Global de las imágenes urbanas. In: *Cidades – Comunidades e Territórios*. Lisboa, n.09, 2004. pp. 27-38.
- SENNETT, R. *Construir e Habitar: ética para uma cidade aberta*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- VAINER, C., ARANTES, O.; MARICATO, E. *A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos*. São Paulo: Editora Vozes, 2013.